

O FUNCIONAMENTO DO DISCURSO (JORNALÍSTICO) NAS DENOMINAÇÕES SOBRE O ESPAÇO SIMBÓLICO QUE CONSTITUEM SUJEITOS E ESPAÇO

Diane Mageste dos Santos

Orientadora: Silmara Cristina Dela Silva

Mestranda

RESUMO: Nosso trabalho propõe compreender o espaço urbano bairro discursivamente. Ao denominar simbolicamente o espaço, reconhece-se o caráter político e histórico dos mecanismos que regulam a vida social dos sujeitos. Entendemos que o corpo dos sujeitos e o corpo da cidade formam um, que processos de transformação de infraestrutura e/ou a sua falta interferem no modo de constituição do sujeito concomitantemente à forma como ele produz sentidos e se identifica, significando também seu espaço, a sociedade, a história. Constituímos nosso *corpus* de análise por cinco reportagens jornalísticas que circularam na mídia em diferentes momentos e seguem disponíveis na rede eletrônica. Um dos recortes que empreendemos é composto por reportagens que falam sobre espaços simbólicos ora denominados bairro, ora comunidade que, ao significar, traz uma memória a qual funciona por meio de um não-dito. Esse funcionamento se confirma na reportagem, que mostra o momento em que um bairro vira uma comunidade, mediante uma placa alocada na entrada do bairro. Além dessas, trazemos um recorte que abre caminho para refletir sobre o sujeito-morador que não está, de forma alguma, separado do espaço da cidade. A ressignificação se dá a partir da união de moradores locais com um movimento de grafiteagem que leva cor ao espaço violento, denominado por comunidade. Considerando o equívoco como constitutivo da língua, bem como as relações de paráfrase e polissemia, tais como propostos pela análise de discurso de linha francesa, propomos pensar a noção de *efeito metafórico* a partir das denominações: bairro, comunidade e favela. Pensamos a mobilidade de uma palavra por outra ao refletirmos sobre a imagem de violência, criminalidade e carências comuns que atravessam esses diferentes espaços simbólicos. Tal recorte traz denominações do espaço urbano em que se reconhece a natureza política e ideológica funcionando na contradição. O presente estudo propõe, então, analisar como funciona a construção de um imaginário para bairro por meio de um discurso que diz sobre e institucionaliza sentidos para essa organização urbana que

se constitui no dizer em circulação no telejornal. Compreendemos que o que já foi dito sobre bairro e sobre comunidade em diferentes condições de circulação significa, trazendo uma memória que funciona no *corpus*, produzindo efeitos de sentidos na discursividade sobre os bairros que aqui analisamos.

PALAVRAS-CHAVE: discurso jornalístico, bairro, comunidade, favela, espaço urbanizado.

“Periferias, vielas, cortiços, você deve tá pensando o que você tem a ver com isso”.

Racionais

Mc's

Já faz algum tempo, venho me perguntando o que temos a ver com os espaços que se constituem enquanto periferias, vielas e cortiços. Busco compreender esse espaço por meio da linguagem que funciona como mediadora entre o homem e sua realidade natural, trazendo consigo um conjunto de reflexões acerca de noções como humanidade e sociabilidade. Para tal compreensão, propomos pensar o espaço simbólico bairro, que é uma divisão da cidade, discursivamente.

Desse modo, é necessário refletir sobre como esse espaço significa através das denominações recebidas, as quais explicitam o caráter político e histórico dos mecanismos que regulam a vida social dos sujeitos. Para pensar essa regulação, tomamos por base teórica e analítica a visão materialista da análise do discurso francesa, calcada na filosofia de Michel Pêcheux. Alguns analistas já buscam compreender a cidade discursivamente, o que faz com que o estudo dessa temática ganhe um espaço significativo na Análise do Discurso.

Além disso, pensar a relação entre espaço e sujeitos é determinante para a forma de vida atual, conforme Orlandi (2004) que se questiona: “como significam e são significadas as pessoas segundo vivam em bairros ricos (com seus equipamentos públicos de qualidade) e em bairros pobres (sem condições, com esgoto correndo a céu aberto, etc.)”. Essas significações estão determinadas de forma política, podendo gerar segregação social e diferenciação no modo como o poder público atende a esses espaços. Por conta disso, “dizer-se morador do bairro x é se apresentar segundo um conjunto de sentidos atribuídos socialmente a este bairro e a esta população”.

Segundo Guimarães (2010), alguns bairros são, pois, significados como estando fora dos valores da cidade e “estão vinculados ao sentido de periferia, que se apresenta

através das noções de favela, comunidade, cortiço, invasão, ocupação”. Diante disso, apresentamos um recorte do material recolhido do espaço digital, e que está disponível para consulta, embora tenham circulado antes na televisão, no período de 2013 e 2016. A televisão, segundo Dela-Silva (2008), é “participante do processo de constituição/produção de sentidos na sociedade”.

O gesto de análise empreendido se deu por conta do desenrolar da própria pesquisa que reclama sentidos e nos leva a questionar evidências, afinal, a análise do discurso busca desnaturalizar pré-construídos, além de desautomatizar as formas de pensar já postas como únicas. Diante disso, dividimos as análises em dois momentos: o primeiro momento pensa as denominações em três eixos temáticos que chamamos: a) bairro-comunidade b) comunidade-favela c) favela-bairro.

Já o segundo momento de análise busca pensar o sujeito também em três eixos temáticos propostos: a) sujeito-sofrimento b) sujeito-violência c) sujeito-segurança. Vejamos as SDS recortadas:

DENOMINAÇÕES		
Bairro-comunidade	SD1- “Estamos também desenvolvendo outras obras aqui <u>no bairro</u> de Jardim Catarina em parceria” SD3 - “Desde agosto deste ano, quando a atriz FK teve o carro atacado por bandidos, ao ser indicada pelo W a entrar numa <u>rua do bairro</u> , que dá acesso ao morro NM, <u>no Caramujo</u> , teve início a polêmica envolvendo a <u>violência no bairro</u> . De lá pra cá, outros crimes ocorridos na região serviram para aumentar ainda mais a repercussão do C como um local perigo.”	SD2- “Nosso compromisso e a presença do poder público permanente aqui <u>junto à comunidade</u> ” SD4- “Caramujo: <u>bairro vira comunidade</u> ”
Comunidade-favela	SD5- “Agentes identificaram os integrantes da organização criminosa <u>na comunidade</u> do Jardim Catarina” SD7- “além de <u>reduzir o status do bairro</u> a medida ainda deixa de indica-lo como rota de acesso, pois sugere que o <u>local é perigoso e deve ser evitado</u> ”	SD6- “As pessoas conquistaram o direito do Caramujo <u>ser chamado de bairro</u> e estão tirando esse direito”
Favela-bairro	SD8- “O Catarina vai ficar <u>totalmente pronto</u> ”	SD10- “O coletivo de arte Germen Crew conseguiu

	SD9- “ <u>Região violenta</u> ganha nova vida após projeto de revitalização”	diminuir os crimes <u>na comunidade</u> de Las Palmitas” SD11- “Cores vibrantes e alegres formam uma espécie de arco-íris <u>para quem observa o morro a certa distância</u> ”
--	--	---

SUJEITO

Sujeito-sofrimento	SD12 - “O pessoal está <u>sofrendo</u> por aqui; <u>não tem</u> calçada, <u>não tem</u> nenhum tipo de passagem adequada” SD13- “A gente já <u>não aguenta mais</u> , as crianças estão com o pé tudo <u>sujo de lama</u> ”
Sujeito-violência	SD14 – “ <u>rotularam</u> quem mora no bairro como <u>marginal</u> ” SD15- “a <u>desassistência</u> em todos os níveis é um fator <u>gerador</u> da <u>violência</u> que assistimos rotineiramente. <u>Mas</u> lá vivem pessoas de <u>bem</u> , trabalhadores <u>em sua maioria</u> , que merecem todo o respeito por parte das autoridades”
Sujeito-segurança	SD16 – “Surgiu um espírito comunitário. As pessoas estão cuidando da <u>segurança</u> do bairro com as próprias mãos” SD17 - “As crianças agora tem calçada pra gente caminhar, olha, dá pra andar com <u>segurança</u> aqui na calçada”

Como o sentido é em relação a, percorremos nosso corpus sabendo que a substituição de uma palavra por outra é característica das línguas naturais. O lugar da interpretação é o deslizamento de sentidos produzido por um efeito-metafórico, conforme Pêcheux (1969). O processo discursivo permite observar que as denominações bairro e comunidade funcionam por sinonímia, por substituição, até a cristalização do “todo mundo sabe” o que é um bairro, ou quais bairros se tornam comunidade.

Como vimos, a seleção dos recortes foi feita a partir das denominações para o espaço simbolizado ora por bairro, ora por comunidade. Porém, há uma particularidade que precisa ser mencionada, a denominação favela não comparece em nosso corpus de análise. Todavia, observamos que os sentidos para comunidade retomam já-ditos sobre favela, que, por sua vez, funciona através de um não-dito. Por conta disso, o primeiro movimento de análise em eixos temáticos delimitam nossa compreensão ao tratar do bairro, mas não de quaisquer bairros, e sim daqueles que necessitam de serviços básicos de infraestrutura, daqueles que são perigosos e, que, portanto, devem ser evitados pelos que estão de fora, eles viram uma comunidade.

Não podemos afirmar que os bairros arrolados nessa pesquisa sejam favelas, até mesmo porque não é um dado oficial pela prefeitura, contudo, comparecem efeitos de sentidos que corroboram essa relação com a memória do dizer. Dito de outro modo, os dizeres sobre carências estruturais, sobre violência e periculosidade podem alterar seu status social ao serem deslizados os sentidos de bairro para comunidade, ou seja, esses dizeres funcionam no Interdiscurso.

Diante desse quadro, o que há são linhas invisíveis de inclusão e exclusão que, segundo Pêcheux, podem ser observadas por meio do trabalho de análise. Através do processo de paráfrase, pode-se pensar que, conforme os recortes, dizer bairro traz um sentido estabilizado que desliza para comunidade, que, por sua vez, representa o equívoco, caracterizando polissemia que abre para uma pluralidade de sentidos. Contudo, pode-se pensar ainda que comunidade seja o sentido estabilizado para aquele espaço, processando-se num movimento de paráfrase que funciona por meio de um não-dito que complementa e acrescenta significando, pois retorna trazendo já-ditos na memória do dizer.

Concomitantemente, bairro se coloca como equívoco, afinal, dizer bairro denuncia o que nele falta para que venha a ser um, segundo as propostas de urbanização e organização. Os efeitos do contraditório são, pois, constitutivos do funcionamento discursivo. Conforme Zoppi-Fontana (2005) “é no seio desses paradoxos, na materialidade ideológica desses nomes, que a semântica toca na política”. Diante desse contexto, cabe pensar a imagem que o jornal faz de um bairro, e conseqüentemente, de uma favela, já que esse imaginário é resultado de processos discursivos anteriores.

Garcia (2010) formula sobre o processo de favelização “que se passa no espaço da cidade e do campo e consiste na transformação desse espaço em áreas sem

infraestrutura e recursos para os sujeitos que ali vivem”. Esses dizeres são atravessados por “um discurso da administração pública que tenta organizar as cidades para que estas sejam lugares ‘sem favelas’”. As instituições trabalham em prol de um mundo semanticamente organizado e controlado.

Consoante Orlandi (2004), a organização reflete uma verticalização das relações sociais que hierarquizam o espaço, onde se urbaniza, delimitando fronteiras e assim, segregando regiões, principalmente conforme o rótulo que se dá. Mariani (2003) cita funcionamentos discursivos que predominavam sobre a comunidade da Rocinha, entre eles, a construção de um imaginário negativo sobre favelas e favelados por meio da mídia. Por outro lado, havia também a apropriação do discurso dominante já institucionalizado.

Todos os caminhos nos levam a pensar o sujeito, o que acontece no segundo movimento análise, também dividido em três eixos temáticos que pensam o sujeito por meio das evidências construídas para o sofrimento, para a violência e para a segurança. Quando se pensa em sujeito na análise do discurso, pensa-se em um sujeito dividido, cindido, na ilusão de que é origem de seu dizer e na ilusão de que uma palavra realmente quer dizer aquilo. Isso quer dizer que nem os sentidos e nem os sujeitos estão prontos, eles são construídos no momento de sua formulação.

Mariani (2003) mostra formas de significar o espaço que constituem o sujeito favelado e o não favelado, mostrando um conflituoso conjunto de práticas discursivas funcionando na comunidade. Nesse conflito, há deslocamentos de sentidos que geram um discurso de resistência significando ao afirmar uma identidade e uma diferença, em relação aos moradores de outros bairros. Desse modo, o sujeito-morador encontra-se no confronto entre discursos não-institucionalizados e os discursos que legitimam uma determinada direção discursiva sobre a favela.

Em nosso corpus, o sofrimento dos moradores se deve ao fato de não ter passagem adequada, como calçadas e asfaltamento. Os moradores, por sua vez, já não aguentam mais tanto sofrimento, afinal suas crianças saem e chegam com os pés sujos de lama ou de poeira. Apesar de ser o sofrimento que carece de atenção, a repercussão dada a essas áreas relaciona-se à violência. O grande número de reportagens sobre crimes e tráfico de drogas sustenta que aquela área violenta deve ser evitada pelos que estão de fora, ela é posta à margem.

Enquanto isso, aqueles que estão dentro se significam a partir das noções de sofrimento e violência. Apesar disso, a área não é evitada por esses sujeitos, já que retornam para suas moradias. Dessa forma, não é só o local que deve ser evitado, mas também as pessoas que lá moram, as quais são marginalizadas, uma vez que habitam uma área à margem, observamos, pois, um deslizamento para marginais. O conselho comunitário do Caramujo afirma que alocar uma placa na entrada do bairro, contendo a denominação comunidade é uma atitude vexatória e discriminatória que deixa os moradores constrangidos.

De acordo com a reflexão de Nunes (2006), placas alocadas em território urbano redirecionam sentidos que compõem novas formas de inclusão e exclusão. Esse constrangimento se deve ao fato de que “lá vivem pessoas de bem, trabalhadores em sua maioria que devem ser respeitadas”. O que estão em jogo são relações de força que circulam em torno da dominação, resistência, ruptura, transformação.

Observa-se que após um acontecimento noticiado em telejornal, iniciou-se a polêmica na mídia sobre violência, além de outros crimes que auxiliaram na repercussão do local como perigoso. Eis, então, o momento em que um bairro vira uma comunidade, porém, não são todos os acontecimentos que são transformados em fatos, alguns nem se tornam públicos. O que se inscrevem nos jornais são interpretações construídas historicamente em uma determinada formação social e que veiculam tendências dominantes. Conforme Mariani (1998), “o discurso jornalístico se faz presente evocando um modelo imaginário de sociedade e de sujeito de direito”.

Nunes (2011) afirma que “o discurso do governo produz um vocabulário que significa os sujeitos urbanos e que funciona construindo uma coletivização que é também uma individualização na medida em que torna os sujeitos identificáveis, contáveis, passíveis de cadastramento e de intervenções das políticas públicas e da segurança pública”. Esses dizeres institucionalizam sentidos, uma vez que a banalização da violência se dá na repetição de notícias que a abordam de maneira naturalizada em algumas áreas da cidade, como os bairros em questão que são vistos como refúgio de diversos crimes, o que produz sentidos de homogeneização.

Arendt (2016, p. 12) em seu estudo sobre a violência reflete que “poder e violência são termos opostos: a afirmação absoluta de um significa a ausência do outro”. Ela caracteriza a violência como um instrumento e a diferencia do poder que, segundo ela, é a capacidade de agir em conjunto. Enquanto que “o decréscimo do poder pela

carência da capacidade de agir em conjunto é um convite à violência”, os que perdem essa capacidade (sejam governantes ou governados), dificilmente resistem à tentação de substituir o poder que está desaparecendo pela violência.

Essa reflexão nos ajuda a pensar o agir em conjunto, o agir em comunidade como forma de resistência. O sujeito identifica-se a uma posição-sujeito no interior do espaço simbólico, sendo, portanto, um corpo sócio-histórico de sentidos, consoante Pêcheux. Na SD15, diz que “a desassistência em todos os níveis é um fator gerador da violência que assistimos rotineiramente”. Orlandi (2004) alude que o Estado, afetado pelas questões de Mercado, funciona através da falta e, na sua falta, o sujeito carente de simbolizar nas instituições como escola, família, etc, escolhe fazer parte de comunidades segundas. Essas carências da comunidade influenciam na capacidade de agir em conjunto e, portanto na proliferação da violência.

Um dos recortes empreendidos fala sobre a transformação de moradores locais a partir de um movimento de grafiteagem que leva cor e alegria ao espaço denominado por comunidade. Observemos que “cores vibrantes e alegres formam uma espécie de arco-íris para quem observa o morro a certa distância”, mais uma vez os sujeitos-moradores se significam segundo aqueles que estão fora. Além disso, vê-se que “surgiu um espírito comunitário e as pessoas estão cuidando da segurança do bairro com as próprias mãos”.

Interessa perceber de que modo e para quem significa, por exemplo, o fato de que “nas cidades grandes o movimento da grafiteagem é desencadeador de um movimento de consciência que atravessa toda a população segregada” (ORLANDI, 2004). Sobre isso, Orlandi reitera que o sujeito, ao significar, individualiza-se em seus modos, identificando-se e (se) produzindo sentidos os quais vão significar a cidade em todas as consequências que isso acarreta.

A autora fala sobre uma simbiose que liga materialidade do sujeito e materialidade da cidade, estando, assim, atados. A revitalização do espaço propiciou a interação entre os vizinhos, que passaram a sair às ruas com suas crianças. Terminamos essa apresentação pensando a polissemia da palavra segurança: nas regiões violentas a segurança oferecida é para os que estão fora e não para os que estão dentro. Os sujeitos-moradores sofrem, são esquecidos, marginalizados, mas sonham com asfalto para que suas crianças estejam seguras da lama e da poeira, elas cuidam da segurança do bairro com as próprias mãos, senão...

REFERÊNCIAS

ARENDRT, Hannah. *Sobre a violência*. Tradução por André Duarte. 7ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

DELA-SILVA, Silmara. *O acontecimento discursivo da televisão no Brasil: a imprensa na constituição da TV como grande mídia*. Tese (doutorado em linguística), Instituto de Estudos de Linguagem na UNICAMP, Campinas. 2008.

GARCIA, D.A. *Favelização*. In: ENDICI – Enciclopédia Discursiva da Cidade. Unicamp. 2010.

GUIMARÃES, Eduardo. *Favela*. In: ENDICI - Enciclopédia Discursiva da Cidade. Verbetes. Unicamp. 2010.

MARIANI, Bethânia Sampaio Corrêa O discurso jornalístico sobre e seu funcionamento. In: Mariani, Bethania *O PCB e a Imprensa Os comunistas no imaginário dos jornais*. Rio de Janeiro: Revan; Campinas – SP. UNICAMP, 1998.

_____. *As leituras da/na Rocinha*. I. A leitura e os leitores Org. Eni P. Orlandi, Campinas – SP. Pontes, 2ª edição, 2003.

NUNES, José Horta. Escrita e subjetivação na cidade. In: *A escrita e os escritos: Reflexões em análise do discurso e em psicanálise*. Organizado por Bethania Mariani. São Carlos, 2006.

NUNES, José Horta. *Palavras da cidade, sujeitos em discursividades contemporâneas*. 2011

ORLANDI, Eni. Cidade e sentido. In: Orlandi, Eni *Cidade dos Sentidos*. Campinas – SP. Pontes, 2004.

PÊCHEUX, Michel. FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In.: GADET, Françoise. HAK, Tony. (orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução de Bethania Mariani. Campinas: Editora da UNICAMP, 2014.

ZOPPI-FONTANA, Mónica. *Objetos paradoxais e ideologia*. Estudos da Lingua(gem) - n. 1 - p. 41-59 – junho/2005.